

Teatro e educação na obra de Tara Goldstein

Klondy Lúcia de Oliveira Agra

Resumo: as Américas têm migrações constantes, com objetos distintos, desde seu descobrimento até a contemporaneidade. Tais atividades migratórias levam a estudos e pesquisas em torno do tema multiculturalismo, com o intuito de conscientizar sobre a cultura do “outro” e valorizar a preservação dessa cultura. Com o objetivo de divulgar um interessante trabalho canadense que vem sendo feito nessa área, analiso neste artigo a obra de Tara Goldstein, professora, autora e pesquisadora canadense que transforma suas pesquisas etnográficas em peças teatrais e através da arte ensina e promove estudos e pesquisas que incluem o esforço à equidade em educação e instrução, a educação de adolescentes imigrantes e a instrução em comunidades multilíngües, por acreditar que a divulgação de seus estudos e pesquisas pode orientar e fornecer alguns subsídios à prática do multiculturalismo em todas as Américas.

Abstract: the Americas have constant migrations, with distinct objects, since its discovery until today. Such migrant activities are object of studies and researches on multiculturalism with the goal of call the attention to the culture from “other” and to the preservation of this culture. With the main goal of announcing an interesting Canadian study that has been conducted in this area, I analyze in this article the work of Tara Goldstein, Canadian teacher, author and researcher that transforms her ethnographical researches in plays and, through the art, teaches and promotes studies and researches that include the effort for equity in education and instruction, immigrant teenagers’ education and the instruction in multilingual communities, since she believes that her studies and researches can guide and to supply some subsidies to the practice of multiculturalism in all Americas.

Então, pelo sobrenome, pela origem, pela cor, pelo tipo físico ou jeito de ser, qualquer um acaba vivendo algum exílio injusto e particular.

Resta o consolo de saber que o preconceito também é uma – quase incurável – doença da alma.

Lia Luft

No cenário educacional americano, já há algum tempo vem se desenvolvendo pesquisa referente à temática do multiculturalismo. Tais estudos são voltados para o

reconhecimento de identidades apagadas ou negadas pelo fornecimento de ensino numa escola que trata seus alunos, oriundos de uma miscigenação cultural, com uma educação monocultural. Ao observar tais pesquisas e reconhecer que o multiculturalismo nas Américas difere de país a país, vê-se também, através do estudo e pesquisa, que o Canadá é um dos países que tem dado mostras de interesse acuidado a essa questão e que seus estudos e pesquisas podem orientar e fornecer alguns subsídios à prática do multiculturalismo em todas as Américas.

Neste artigo, analiso a peça teatral “Hong Kong, Canadá”, de autoria de Tara Goldstein, professora da Universidade de Toronto (OISE/UT) dedicada a ensinar e promover estudos e pesquisas que incluem o esforço à equidade em educação e instrução, a educação de adolescentes imigrantes e a instrução em comunidades multilíngües. Em seus trabalhos, Goldstein utiliza teorias da crítica etnográfica e da educação anti-homofóbica. Nesse campo, o resultado de seus estudos e pesquisas estão reunidos em três peças etnográficas: “Hong Kong, Canadá” (2001); “Crianças satélites” (2003); e “Serpentes e escadas” (2003). A peça objeto desta análise está incluída no livro *Teaching and learning in a multilingual school: choices, risks and dilemmas*, publicado por Lawrence Erlbaum em 2003.

Tara Goldstein, paralelamente a sua obra “Hong Kong, Canadá”, disponibiliza outras teorias críticas de sua autoria, com implicações pedagógicas subseqüentes, que permanecem constantemente acessíveis aos seus leitores. É autora, também, de *Two languages at work: bilingual life on the production floor* (1997), publicado por Mouton de Gruyter, e *Weaving connections: educating for peace, social and environmental justice* (2000), publicado pela Sumach Press.

O interesse pela análise do trabalho da referida autora surgiu a partir da observação de que, em se tratando de política e estudos referentes ao multiculturalismo, o governo canadense é um exemplo. Foi pioneiro ao introduzir, em 1971, uma política formal sobre o assunto, inicialmente em âmbito federal e posteriormente seguido de políticas e legislações provinciais.

Em 1988, em ato federal, reconheceu-se o Canadá como uma nação bilíngüe com povos multiculturais – mais exatamente dois povos multiculturais – cujas comunidades francófona e anglófona absorvem diversas populações imigrantes. Desse modo, já nos anos 80, várias nacionalidades começaram a afirmar-se constitucionalmente naquele país, com seus direitos sociais, suas políticas e suas próprias realidades multiculturais, adicionando complexidades e novas oportunidades. Após 30 anos de programas e políticas inovadoras e freqüentes, o multiculturalismo no Canadá continua sendo respeitado e analisado, fazendo da diversidade um aliado para o crescimento desse país, como observa Jean Chrétien: “Nossa história é a prova de que as diversidades culturais podem, em harmonia, conseguir grandes vitórias” (in Relatório do Comitê para a Unidade Canadense, jan. 1992). Sob esse ponto de vista, o Canadá, debatendo e praticando a experiência do multiculturalismo, sem dúvida tem muito para ensinar às Américas e ao mundo sobre como encontrar a força e a prosperidade na diversidade.

Destarte, como já explicitamos anteriormente, ao investigarmos com mais perspicácia os estudos e pesquisas canadenses em torno do tema multiculturalismo, observamos, com apreciação, o trabalho de Tara Goldstein, que encontra nos conflitos surgidos na diversidade um meio propício para orientar, através da arte, unindo teatro e educação, caminhos seguros para desfazê-los.

“Hong Kong, Canadá”, através de seus personagens¹,

¹ Personagens:

Rita: 18 anos, presidente do conselho estudantil, nascida em Toronto, descendente de sul-asiáticos ou africanos.

Ms. Diamond: criativa professora e escritora da escola de Trudeau, nascida em Toronto, anglo-saxã protestante, descendente de europeus, próxima dos 40 anos.

Joshua: 18 anos, no último ano do colegial, editor do jornal estudantil denominado “P.E.T Tales”; nascido em Toronto, judeu, descendente de europeus, interessado no amor de Wendy.

Wendy: 17 anos, estudante do segundo ano do colegial, editora-assistente do “P.E.T. Tales”, nascida em Hong Kong.

Sarah: estudante de 18 de uma criativa sala de aula de redação em língua inglesa, nascida em Toronto, judia, descendente de europeus.

encaminha leitores/espectadores à fascinante análise de como alunos e professores na escola secundária de Toronto, por meio da convivência diária, quebram preconceitos e diferenças culturais, fazem negociações complexas de influências trazidas de suas famílias e de suas origens e formam novas identidades acadêmicas. A peça apresenta uma posição de que as escolas devem, num esforço contínuo, encontrar, da melhor maneira possível, as necessidades de alunos lingüisticamente diversos e legitimar a língua de cada um, sem preconceitos, num esforço rumo à multiculturalidade.

Com base em pesquisa científica de quatro anos, “Hong Kong, Canadá” tem como cenário uma escola multilíngüe de Toronto, a Escola Secundária Pierre Elliot Trudeau. Nesse cenário, a peça apresenta ao espectador um jogo imaginário que torna a educação inclusiva acessível a um público diverso, além do público acadêmico. Com diálogos convidativos ao redor do tema língua e seus diversos sotaques, pronúncias e acentos, traz ao público a consciência e a vontade de não olhar a fala do outro como diferente e assim evitar os preconceitos e a exclusão de quem não fala a língua dominante.

Desse modo, com origem na controvérsia multicultural externa à escola, lançada à comunidade em programa radiofônico, a questão atinge os corredores da escola e seus alunos, e, ao encontrar eco nesses corredores, a peça retrata a polêmica que envolve o multiculturalismo e a educação em todas as suas nuances (preconceitos, diversidades, exclusão e inclusão social). A partir dessa polêmica, lançada ao ar no programa de rádio CRAB AM, a peça apresenta na cena 3 a incorporação do discurso do ouvinte ao discurso de alguns alunos na escola Pierre Elliot Trudeau e o início do conflito envolvendo a questão multilíngüe:

Carol: estudante de 18 anos de uma criativa sala de aula de redação em língua inglesa, nascida em Hong Kong.

Sam: 17 anos, estudante do segundo ano do colegial, gerente de publicidade do *P.E.T. Tales*, nascido em Hong Kong.

James Wolfe: Apresentador de um *talk show* na CRAB AM.

Ouvinte que telefona ao *talk show* de James Wolfe.

(...) (*Joshua liga o rádio e a voz de James Wolfe gravada na fita é ouvida*)

Wolfe: Muito obrigado. Você tem um comentário a fazer sobre nossa questão?

Ouvinte: Certo, Jim. Eu tenho vivido em Toronto durante toda a minha vida, Jim. Meu pai nasceu aqui; meu avô nasceu aqui. Meu avô lutou na Primeira Guerra Mundial e meu pai lutou na Segunda Guerra Mundial.

Wolfe: Sim, sim, você quer ir ao ponto? Qual é o seu ponto de vista hoje?

Ouvinte: Minha opinião, Jim, é que eu cresci falando inglês. Meu pai cresceu falando inglês. Meu avô cresceu falando inglês. Agora quando eu embarco no ônibus ou no metrô, tudo que eu ouço é chinês. E eu não posso entender nada disso. Se as pessoas querem vir para o Canadá, devem falar inglês. Esta é a dificuldade com as pessoas que vêm de Hong Kong para o Canadá. Elas não aprendem a falar inglês. Se não querem falar inglês, então devem voltar para o lugar de onde vieram, Jim. (*Sam desliga o rádio*)

(*Lights fade on newspaper office*) (GOLDSTEIN, 2001, p. 12)² [minha tradução].

Ao repercutir a opinião do ouvinte da rádio na escola e encontrar alunos com o mesmo ponto de vista, a peça inicia a descrição dos conflitos que cercam os estudantes, o ambiente multicultural, a escola multilíngüe, e retrata também a ação e o pensamento de uma cultura que busca, através do respeito ao multiculturalismo, respostas sistemáticas e completas à

²“(...) (*Joshua turns on the radio and the tape-recorded voice of James Wolfe is heard*)

Wolfe: Thank you very much. Do you have a comment to make about our topic?

Caller: I sure Jim. I have lived in Toronto all my life Jim. My father was born here; my grandfather was born here. My grandfather fought in the First World War and my father fought in the Second World War.

Wolfe: Yes, yes, can you get to your point? What’s your point today?

Caller: My point, Jim, is that I grew up speaking English. My father grew up speaking English. My grandfather grew speaking English. Now when I get on the bus or the subway, all I hear is Chinese. And I can’t understand any of it. If people want to come to Canada, they should speak English. And that’s the trouble with people who come to Canada from Hong Kong. They just don’t learn to speak English. If they don’t want to speak English, then they should go back to where they came from, Jim.

(*Sam turns off the radio*)

Sam: That’s the kind of talk you get to those kind of questions, Josh. That’s the kind of talk you get. We don’t need that kind of talk in our school. We don’t need that kind of talk.

(*Lights fade on newspaper office*)”

manutenção da cultura e das diversidades étnicas.

Na descrição desses conflitos, despontam preconceitos e o ponto de partida para a discussão do tema língua: a apresentação de uma garota chinesa, que canta em cantonês, em evento multicultural na escola.

O tema do programa de rádio chama a atenção de Joshua, editor do jornal estudantil denominado *P.E.T Tales*, que, objetivando atrair leitores, une a apresentação em cantonês no evento escolar com a insatisfação demonstrada pelo ouvinte do programa da rádio e vê no surgimento de uma polêmica dentro da escola uma forma de atrair leitores e, ao mesmo tempo, uma chance de promoção pessoal.

Com esse pensamento, o editor, Joshua, mostra todo seu orgulho e interesse ao ler para sua namorada, Wendy, uma garota chinesa, e para seu amigo Sam, também chinês, colaboradores do jornal, a matéria que será publicada no jornal estudantil e a sua proposta de adotar-se na escola a política de uma só língua:

(...) No palco estava uma bonita menina oriental cantando uma canção em chinês. No entanto, algumas pessoas poderiam olhar o fato e pensar: “Uau, que grande caminho para promover o multiculturalismo. Um evento multilíngüe é uma grande idéia”. Porém, o problema é que a Noite de Talento do P. E. T. não foi multilíngüe, nem foi multicultural. As músicas disponíveis estavam em inglês ou em chinês, apenas. Isso é justo para o restante dos alunos e das culturas do P.E.T.? (GOLDSTEIN, 2001, p. 20)³ [tradução e grifo meus].

O tema provoca reações e, sutilmente, a peça joga em cena situações que geram crises e envolvem opiniões, para, juntamente com seu leitor/espectador, através da discussão apresentada, refletir e tomar consciência a respeito das divergências culturais demonstradas, a fim de posicionar-se e

³ “On stage was a good-looking Oriental girl singing a song in Chinese. Now some people might have looked at this and thought, ‘Wow, what a great way to promote multiculturalism. A multilingual event is a great idea’. However, the problem Songs were available only in English and in Chinese. Is this fair to the rest of P.E.T. students and cultures?”

encontrar soluções através da ação/reação. Numa mostra de sensibilidade, em cada cena, a autora discute valores e envolve sua audiência na problemática da interação social e nos preconceitos que comprometem o multiculturalismo.

Com tal teia, “Hong Kong, Canadá” exhibe o conflito que envolve o aluno oriundo de outra cultura e falante da língua minoritária que quer manter a sua língua e o aluno que opta pela utilização da língua que, no seu entender, lhe trará alguns benefícios. Nessa controvérsia, a peça desvenda aos seus leitores/espectadores a inquietação que envolve a preservação e o uso da língua em ambientes multiculturais. Ressalta, também, a importância da valorização e do uso da língua trazida de casa e da importância da consciência multicultural:

Sam: Então você vai escrever esta coluna para o Joshua?

Wendy: Sim.

Sam: Mas Wendy, você não vê o perigo de dizer que na escola todo mundo deveria só falar inglês? Você não tem o direito de dificultar que as pessoas possam falar sua própria língua na escola.

Wendy: Eu não vou dizer “todo mundo devia só falar inglês”. Eu vou dizer “Na escola (ênfatisando) eu só falo inglês”.

Sam: Mas Wendy, você é chinesa. Se você disser “Na escola eu só falo inglês”, pessoas que pensam isto (ênfatisando), que todo mundo devia só falar inglês, usará o que você disser para machucar as pessoas que querem falar seu próprio idioma. Eles dirão: “Até as pessoas chinesas pensam que elas deveriam só falar inglês” (GOLDSTEIN, 2001, p. 20-26)⁴ [minha tradução].

No discurso dos alunos, percebe-se o temor à preferência

⁴ “Sam: So are you going to write this column for Joshua?

Wendy: Yes.

Sam: But Wendy, don't you see the danger of saying in school everybody should only speak English? You don't have the right to make it difficult for people to speak their own language in school.

Wendy: I'm not going to say, 'everybody should only speak English'. I am going to say, 'In school (emphasizing) I only speak English'.

Sam: But Wendy, you're Chinese. If you say, 'In school I only speak English', people who think that (emphasizing) everybody should only speak English, will use what you say to hurt people who want to speak their own language. They'll say, 'Even Chinese people think they should only speak English'”.

de uma língua a outra, fato que demonstra a consciência da preservação da cultura e da importância do grupo social, mas emergem, também, influências e interesses contraditórios que interagem e formam sentimentos e escolhas das pessoas sobre a língua.

A peça apresenta alunos que exibem atitudes complicadas, alguns imigrantes apreciam as oportunidades e se mostram dispostos a falar inglês, outros optam por manter a língua familiar do grupo a que pertencem. Os alunos emoldurados por Tara Goldstein são ambivalentes a respeito do multilingüismo e às vezes experimentam desconfortos intensos, que Tara expressa em conversas informais entre os jovens alunos.

Em toda a obra, Goldstein assume a problemática do outro, e, como sujeito do seu discurso, atua, constrói e envolve. Provoca o seu interlocutor a interagir e dar retorno ao que é enunciado na ação/reação de seus personagens.

Desse modo, a peça apresenta o multiculturalismo e conduz sua audiência a questionar: “Eles trazem sua língua para a escola. Isto é um direito?”, delinea a realidade, conduz à resposta e encoraja seus leitores a examinarem suas suposições a respeito da língua e diferentes pronúncias, procurando assegurar que evitem a perpetuação da conduta negativa (deliberadamente ou inconscientemente) para com grupos sociais e lingüísticos variados.

Multiculturalismo é um tema discutido pelas várias abordagens da Pedagogia. O termo é polissêmico. Segundo Kincheloe e Steinberg (1997, Introdução), “significa tudo e ao mesmo tempo nada”, devido às muitas agendas conflitantes a que tem servido. Portanto, não é representado por um paradigma teórico e difere amplamente em suas ênfases; falar em multiculturalismo ou educação multicultural implica significar, ou seja, dar um sentido ao que se pretende com tal significação.

O multiculturalismo apresentado por Tara Goldstein atua como alvo, conceito, atitude, estratégia ou valor, emerge como conseqüência das mudanças demográficas em movimento nas sociedades ocidentais. Tara vale-se de sua bagagem adquirida

em pesquisas sobre o tema em seu país e traz, a uma audiência maior, uma receita para superar tanto a violência da sociedade ou cultura dominante, que realiza uma falsa integração, extinguindo as diferenças, ou permitindo a sua sobrevivência no gueto ou no privado, quanto o *melting pot* que, teoricamente, salva as identidades mas sem fazer uma comunhão entre as diversidades. Com diálogos simples e discretos, a autora ensina a enfrentar as diversidades étnico-culturais através do método personalista, ou seja, estabelecendo a analogia entre a percepção que os indivíduos têm de si e dos outros e aquelas das culturas em seu interior e na relação com as outras.

O multiculturalismo delineado em “Hong Kong, Canadá” consiste em fundamentar os direitos culturais, particulares e universais, sobre uma adequada legitimação política. Aquela em grau de tutelar não só a universal igual dignidade sociocultural, mas também as diferenças, justamente reconhecendo e tutelando a identidade única de cada um dos grupos étnico-culturais.

Através do teatro, a audiência de Tara Goldstein pode discernir duas faces presentes no multiculturalismo e, através da articulação de seus personagens, reconhece o caminho do meio entre um reconhecimento homogeneizante, que nivela todos, e um reconhecimento isolante que simplesmente aceita e tutela as várias cores, mas colocando-os separados, deixados no interior de critérios etnocêntricos. Goldstein vai além dessas duas propostas e propõe realizar uma sociedade que acolha as diversidades culturais, através de indivíduos diferentes, com a intenção de colocá-los em uma nova cultura ou, ao contrário, realizar uma sociedade que se abra à diversidade dos grupos, aceitando os seus diversos projetos de vida e dando a eles a faculdade de modelar-se concretamente. Em suma, Goldstein, ao transferir resultados de suas pesquisas para uma obra literária, procura estabelecer um âmbito coletivo comum, colocando as diferenças particulares no campo da existência individual privada, ou assumir dentro daquele âmbito comum as diferenças particulares e reconhecidas como tais.

A audiência tem a oportunidade de rever em “Hong Kong, Canadá” a realidade encontrada em salas de aulas

multiculturais, e, embora baseada e escrita para a platéia canadense, a peça de Tara Goldstein rompe as barreiras das divisas internacionais e mostra cenas e diálogos presentes na maioria das escolas ocidentais. Observe:

Diamond: (Olhando para o caderno da aluna): Carol, você parou de escrever. Por quê?

Carol: (Olhos voltados para o caderno): Eu não sei escrever muito bem em inglês.

Diamond: Eu sei que é difícil, mas você tem de continuar tentando. A única maneira de seu inglês melhorar é você praticando. Escrever artigos para jornais é o modo perfeito para você praticar. Em Hong Kong pessoas não escrevem artigos pessoais para jornais?⁵ (GOLDSTEIN, 2001, p. 9-10) [minha tradução]

A cena apresenta a professora de redação em língua inglesa, que incentiva a escrita entre seus alunos, em conversa com uma de suas alunas, uma garota chinesa, e reproduz a problemática do aluno que, por não dominar a língua, tem dificuldades em criar textos na língua estrangeira a ele.

Ademais, a peça remete-nos a tantas outras salas de aula e a tantos outros professores que recebem crianças de culturas diferentes e encontram a resistência desse aluno à escrita, chamando a atenção para o multiculturalismo que está ali e precisa ser visto e repensado. Dessa maneira, leva o seu interlocutor a interrogar a história, sua vida e a refletir sobre novos horizontes, sobre a amplitude do campo da significação que leve a educação inclusiva à escola e o respeito para com a diversidade à sociedade.

Desse modo, “Hong Kong, Canadá” desenha com traços leves e seguros a conduta do professor e de alunos e seus pontos de vista sobre o falar a língua trazida de casa ou a língua da escola. Como se observa na cena em que a professora Diamond convida Rita, aluna presidente do conselho estudantil, a opinar

⁵ “Diamond: (Looking up) Carol, you’ve stopped writing. Why?”

Carol: (Eyes down on her notebook) I don’t know how to write well in English.

Diamond: I know it’s hard, but you have keep trying. The only way your English will improve is if you practice. Journal writing is a perfect way to practice English. In Hong Kong, don’t people keep a personal journal?”

sobre a petição de cinquenta alunos ao diretor (em um universo de 1200 alunos) para a implantação de uma política de só se falar a língua inglesa na escola, quando a aluna expõe de modo claro e consciente o seu ponto de vista:

Rita: Bem, pessoalmente eu não penso que nós temos um problema de língua em Trudeau. Eu quero dizer, sim, existem muitos alunos que falam cantonês entre si, mas por eu mesma falar outra língua, eu entendo por que eles falam cantonês uns com os outros. Eu quero dizer, eu não falo inglês com minha avó, até porque ela entende muito pouco de inglês, ela, então, pensaria que eu estava sendo reservada. Se as pessoas de Hong Kong falam com outras pessoas de Hong Kong em inglês quando sabem falar cantonês, poderiam pensar que estivessem se exibindo.

Diamond: (exasperada) Se exibindo? Isto é besteira. Por que seria considerado exibição falar em inglês? O inglês é a língua que todo mundo fala no Canadá. E o francês, eu penso (GOLDSTEIN, 2001, p. 46-47)⁶ [minha tradução]

No gerar, pensar e repensar conflitos surgidos no dia-a-dia, a peça traz perspectivas para a resolução de problemas em escolas multiculturais e através do ponto de vista do aluno que convive com a multiculturalidade e a respeita, aponta caminhos à interação social. Ao dar voz ao aluno proveniente de outra cultura, a peça expõe o pensamento do “outro”:

Rita: (um pouco defensivamente) Bem, Sam explica dessa maneira: Em Hong Kong costuma haver muita competição para entrar para a universidade. E todo mundo que entra na universidade tem que se mostrar proficiente em inglês, já que quase todas as universidades em Hong Kong são de língua inglesa. Havia muita pressão para todo mundo falar bem

⁶ “Rita: Well, personally I don’t think we have a language problem at Trudeau. I mean, yes, there are a lot of students who speak Cantonese to each other, but because I speak another language myself, I understand why they speak Cantonese to each other. I mean, I don’t speak English to my grandmother, even though she understands quite a bit of English, because she would think I was being standoffish. If people from Hong Kong speak to other people from Hong Kong in English when they know to speak Cantonese, they would be considered show-offs.

Diamond: (Exasperated) Show-offs? That’s silly. Why would they be considered show-offs for speaking English? English is the language everyone speaks in Canada. And French, I guess”.

inglês. Naturalmente, algumas pessoas falavam inglês melhor que outras. Então falar em inglês se tornou um modo de exibir-se.

Diamond: (*De maneira autoritária*) Mas é injusto pensarem desse modo. É importante para alunos de Hong Kong praticar o inglês tanto quanto o possível. Eles precisam do inglês para sobreviver aqui.

Rita: Mas é estranho falar inglês com outras pessoas que falam a mesma língua que você fala. É até alegórico quando você está falando com amigos. É como dizer “eu não quero estar perto de você”. O inglês é mais – (*procurando pela palavra certa*) – mais (*pausa*) formal. É mais formal e é – (*com um pouco de embaraço*) é mais frio.

Diamond: (*Insultada*) Mas na escola você fala inglês, não é? E não sua primeira língua. Você acha frio o inglês?

Rita: Não. Mas isso é porque eu vivo aqui desde os sete anos de idade... (GOLDSTEIN, 2001, p. 46-47)⁷ [minha tradução]

No texto de Tara, emerge uma compreensão de que muitas influências e interesses contraditórios interagem e formam sentimentos e escolhas das pessoas sobre a língua. Isso fica claro na cena 16, quando os alunos são chamados para reunião com a professora e expõem seus pensamentos. Orgulhos e preconceitos se mostram na fala de Sarah e Joshua:

Sarah: Eu sustento fortemente a idéia de uma política de só falar inglês em Trudeau. Muitas são as pessoas que ficaram bravas pelo tanto de chinês utilizado na Noite de Talento. Como Joshua Greenberg disse em seu editorial, “Se não for

⁷ “Rita: (*A little defensively*) Well, Sam explains it like this: In Hong Kong there used to be a lot of competition to get in to university. And everyone who go into university had to show that they were very proficient in English since almost all the universities in Hong Kong were English-speaking. There was a lot of pressure on everyone to do well in English. Naturally, some people learned English better than others. So speaking in English became a way of showing off.

Diamond: (*In a bossy manner*) But, it’s wrong for people to think that way. It’s important for students from Hong Kong to practice speaking English as much as possible. They need English to survive here.

Rita: But it’s weird to speak English with other people who speak to the same language you do. It’s even weirder when you’re speaking to friends. It’s like saying I don’t want to be close to you. English is more – (*searching for the right word*) – more (*pause*) formal. It’s more formal and it’s – (*with a little embarrassment*) it’s colder.

Diamond: (*Insulted*) But at school you speak English, don’t you? And it’s not your first language either. Do you find English cold?

Rita: No. But that’s because I’ve been here since I’ve been 7 years old...”

possível obter artistas de cada uma das línguas representadas em nossa escola, então só a língua inglesa deveria ser utilizada, porque todos nós a temos em comum”.

Rita: Eu sou afro-ocidental. Eu teria apreciado ouvir canções em minha língua apresentadas na Noite de Talento. Mas não houve voluntário para apresentar isto. Nós não fomos para isso. Por que aqueles que se voluntariaram devem parar de apresentar o que eles querem apresentar?

Joshua: Mas eu me sinto por fora quando as pessoas falam cantonês e eu não posso entendê-las. Na Noite de Talento havia dois grupos de pessoas: aqueles que entenderam os atos chineses e aqueles que não os entenderam. Em vez de promover o multiculturalismo em nossa escola, o evento dividiu-nos. Isto não teria acontecido se ... (GOLDSTEIN, p. 2001, p. 50-53)⁸ [minha tradução]

Fatuidades que são exibidas e prontamente combatidas através da consciência multicultural demonstrada na fala de Sam:

Sam: (*Interrompendo*) A Noite de Talento não dividiu nossa comunidade. Era a Noite de Talento, não a Noite Inglesa. Nós estávamos lá para assistir pessoas apresentarem e demonstrarem seu talento. Você pode apreciar uma apresentação sem compreender todas as palavras. Isso acontece em concertos de *heavy metal* todo o tempo.

Sarah: Uma política de só falar a língua inglesa asseguraria que quando eu fosse a eventos da escola eu pudesse entender todas as palavras que são faladas.

Sam: As pessoas que não se sentem confortáveis quando não entendem chinês não estão acostumadas a compartilhar espaços com pessoas que falam línguas diferentes. Elas querem tirar o direito de outras pessoas pra não se sentirem

⁸ “Sarah: I strongly support the idea of an English-only policy at Trudeau. A lot of people were angry by the amount of Chinese used at the Talent Night. As Joshua Greenberg said in his editorial, ‘If it is not possible to obtain performers in each and every language represented in our school, then only English should be used because it’s the language that we all have in common’.

Rita: I am Western African. I would have enjoyed hearing a Ewe song performed at Talent Night. But no one volunteered to perform it. We didn’t go for it. Why should those who did go for it be stopped from performing what they want to perform?

Joshua: But I feel left out when people speak Cantonese and I can’t understand them. At Talent Night there were two groups of people: those who understood the Chinese acts and those who didn’t. Instead of promoting multiculturalism at our school, the event divided us. This wouldn’t have happened if -

desconfortáveis, nem por um momento. Isto não é justo. Toronto...

Sarah: (*interrompendo*) Se todas as apresentações da Noite de Talento tivessem sido feitas em língua inglesa, ajudaria aqueles que estão aprendendo a língua para...

Sam: (*Interrompendo*) Mas Toronto está longe de ser apenas uma cidade de língua inglesa. É uma cidade multilíngüe. Todos nós temos que compartilhar o desconforto (GOLDSTEIN, 2001, p. 50-53)⁹ [minha tradução]

Ao trazer a consciência multicultural, a peça traz também, através da fala de seus personagens, o olhar para a importância da interação e do respeito ao “outro”. Ao colocar em debate a polêmica entre a padronização da língua e a liberdade de cada um em expressar-se na sua própria língua, remete o pensamento do leitor/espectador ao problema e às argumentações multiculturais. Através do “pensar o problema”, a peça conduz à necessidade de ensinar novas línguas como forma de interação social em vez de exigir-se uma só língua-padrão:

Joshua: Isso é bom para que as pessoas sejam forçadas a falar inglês na escola. Aprenderão mais rápido. Olhe para as pessoas como a Wendy Chan. Realmente ela fala bem o inglês. E isto é porque ela decidiu...

Rita: (*Interrompendo*) Em vez de uma política para só se falar em inglês, nós deveríamos oferecer aulas de cantonês durante o dia na escola e encorajar tantos alunos quanto possíveis. Haveria menos raiva se mais pessoas soubessem falar cantonês.

⁹ “Sam: (*Interrupting*) Talent Night did not divide our community. It was Talent Night, not English night. We were there to watch people perform and demonstrate their talent. You can enjoy a performance without understanding every word. It happens at heavy metal concerts all time.

Sarah: An English-only policy would ensure that when I go to a school event, I would be able to understand every single word that is spoken.

Sam: People who are uncomfortable when they don’t understand Chinese are not used to sharing space with people who speak different languages. They want to take away other people’s rights so that they don’t have to feel uncomfortable, not even for a moment. That’s not fair. Toronto -

Sarah: (*Interrupting*) If all acts at Talent Night had been performed in English, it would have assisted those who learning the language to -

Sam: (*interrupting*) But Toronto is no longer just an English-speaking city. It is a multilingual city. We all have to share the discomfort”.

Joshua: Uma política para só falar o inglês beneficiaria os estudantes com o correr do tempo. É uma boa coisa...
 Rita: Talvez devêssemos pensar em formar turmas obrigatórias de cantonês para os alunos nesta escola (GOLDSTEIN, 2001, p. 50-53)¹⁰ [minha tradução].

No entanto, é na fala de Wendy que a peça “Hong Kong, Canadá” faz o seu leitor/espectador reconhecer o drama do estudante que deixa sua casa, os seus e vem à escola pronto a abandonar sua cultura em busca de melhores condições sociais, e que vê na língua um degrau na ascensão, a chave para abrir portas, a possibilidade de interação:

Wendy: (*Dando um passo adiante*) Um dia depois de me matricular em Trudeau, meu pai e minha mãe deixaram Toronto para voltar para Hong Kong. As últimas palavras que minha mãe disse para mim através do portão de segurança no aeroporto foram “Eu quero que você fale inglês”.
 (*Em cantonês*) [Para fazer bonito neste país, você deve aprender a falar bem inglês]
 (*Em Inglês*) Minha mãe quis para mim todas as vantagens que estavam disponíveis a alunos canadenses. Por ela, eu decidi só falar inglês na escola. E o fato de eu falar inglês o dia todo me abriu algumas portas... (GOLDSTEIN, 2001, p. 50-53)¹¹ [minha tradução]

Os excertos acima ilustram a complexidade dos assuntos

¹⁰ “Joshua: It’s good for people to be forced to speak at school. They’ll learn it faster. Look at the people like Wendy Chan. She speaks English really well. And that’s because she decided -

Rita: (*Interrupting*) Instead of an English-only policy, we should be offering Cantonese classes during the school day and encouraging as many students as possible to take them. There would be a lot less anger if more people could speak Cantonese.

Joshua: An English-only policy will benefit of making Cantonese classes compulsory for students in this school.

Rita: Maybe we should be thinking of making Cantonese classes compulsory for students in this school”.

¹¹ “Wendy: (*Stepping forward*) The day after they enrolled me at Trudeau my father and mother left Toronto to go back to Hong Kong. The last words my mother said to me as she went through the security gate at the airport were ‘I want you to speak English’.
 (*In Cantonese*) [To do well in this country you must learn to speak English well]

(*In English*) My mother wanted all the advantages that were available to Canadian-born students to be available to me. To please her, I decided I would only speak English in school. And I speaking English all day did open some doors...”

raciais e lingüísticos que envolvem os conflitos do uso da língua de casa e o uso da língua inglesa na escola. Goldstein desenha e explora em sua obra, com auxílio da teoria crítica da interação e da sociolingüística, a “relação entre língua (escolha), identidade e a economia política”.

O texto de Tara Goldstein remete o leitor/espectador a conceitos do sociólogo francês Pierre Bourdieu sobre o capital lingüístico e cultural. Sobre o tema, Bourdieu (1998, p. 23-24) afirma: “as trocas lingüísticas – relações de comunicação por excelência – são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre locutores ou seus respectivos grupos”. A referência a Bourdieu torna-se transparente ao explicitar por que alguns alunos de Hong Kong optam por gastar suas energias a dominar o inglês (o capital lingüístico) e assim obter acesso a conhecimentos na escola e maiores qualificações educacionais (o capital cultural). Concorrentemente com a relutância de alunos em “investir” no inglês por terem a consciência de que utilizando o cantonês conseguem manter o grupo social com o qual eles se identificam mais facilmente (evitando desse modo, também, a crítica de outros de que falam inglês para se exibir).

A dificuldade por que passa o estudante estrangeiro ao optar pelo domínio da língua a fim de obter acesso ao conhecimento e a maiores qualificações é claramente registrada na fala de Wendy, na cena 16:

Por ela, eu decidi só falar inglês na escola. E o fato de eu falar inglês o dia todo me abriu algumas portas... Tive o privilégio de ir acampar com o Sr. Wilson. Eu jamais tinha acampado e não tinha ninguém mais para autorizar minha viagem. Nessa viagem eu encontrei pessoas que nasceram aqui e que se tornaram amigos muito importantes para mim. Mas escolher falar somente o inglês fechou também algumas portas. Eu não fiz nenhuma amizade com pessoas de Hong Kong. [Suponho que pensem que eu não estava interessada em ser amiga deles porque eu sempre falei inglês]. (*Em cantonês:*) [Eu gostaria de ser amiga dos outros de Hong Kong. Há muitas coisas que nós compartilhamos.] (*Em inglês:*) Minha mãe não sabe o desconforto de tentar falar o dia inteiro o inglês, diariamente. Está em Hong Kong, onde pode falar cantonês. Certos dias

minha boca, meus dentes, meus lábios e minha garganta ficam machucados. Quando minha mãe me diz “Quero que fale o inglês”, ela pensa somente nas portas que se abrirão. Uma política do inglês somente fechará portas para aqueles de nós que querem falar outras línguas com os estudantes que já conhecem bem. Nas últimas semanas, eu aprendi que as portas que nós abrimos são às vezes fechadas por uma força inesperada. É prudente manter tantas portas abertas quanto possíveis. Obrigada. (GOLDSTEIN, 2001, p. 53)¹² [minha tradução]

A peça de Goldstein, ao refletir a teoria de Pierre Bourdieu, traz à pedagogia uma poderosa contribuição para o campo da educação antidistintiva. Essa perspectiva revê e promove a instrução multicultural e multilíngüe, sem ter a pretensão de prover resoluções rápidas para as tensões exploradas.

Além dos conflitos e dilemas já analisados acima, Goldstein discute outros dois tipos diferentes de dilemas que envolvem o educando: o dilema do discurso e do silêncio (o caso da personagem Carol). Como se observa na totalidade da obra, Carol permanece no silêncio e mesmo quando procura falar ou procura tomar um lugar, não tem a palavra, e, se a tem, não a utiliza como instrumento de ação. Não se torna sujeito, permanece no silêncio da política distintiva e discriminatória.

Tara Goldstein, ao encaminhar seu leitor à escola justa e

¹² “(...) To please her, I decided I would only speak English in school. And I speaking English all day open some doors. I had enough confidence to go on Mr. Wilson’s camping trip even though I had never gone camping before and didn’t know anyone else who had signed up for the trip. On that trip I met people who were born here and one or two became important friends for a while. But choosing to only speak English also closed some doors. I didn’t make any friends with people from Hong Kong [I guess they thought I wasn’t interested in being friends with them because I always spoke English.] (In Cantonese) [I would like be friends with others from Hong Kong. There are many things we share.]

(In English) My mother does not know the discomfort of trying to speak English all day, everyday. She is in Hong Kong where she can speak Cantonese. Some days my mouth, my cheeks, my lips, my throat hurt. When my mother tells me “I want you to speak English” she thinks only of the doors that close. An English-only policy will close doors for those of us who want to practice speaking other languages with students who already know them well. In the last few weeks, I have learned that the doors we have opened are sometimes slammed shut by an unexpected force. It is prudent to keep as many doors open as possible. Thank you”.

igual para todos, dá voz à multiculturalidade e nos faz a repensar a importância do papel do educador na formação do aluno sujeito, no dar voz a esse sujeito, e, desse modo, nos remete a Giroux ao citar Bell Hooks:

(...) dar voz significa passar do silêncio para a fala com uma atitude revolucionária (...) a idéia de encontrar a própria voz ou ter a própria voz assume uma primazia no discurso falado, na escrita e na ação (...) Somente como sujeitos nós podemos falar. (...) como objetos, permanecemos sem voz – nossos seres são definidos e interpretados por outros (...) (HOOKS, apud GIROUX, 1999, p. 198).

Goldstein demonstra que a escola, de acordo com Bell Hooks (apud GIROUX, 1999, p. 198), pode construir o sujeito, conscientizando seus alunos da necessidade de falar e de dar voz às várias dimensões de sua vida, pondo em prática, desse modo, o processo da educação crítica.

Através da análise, vimos então que, com o argumento cuidadosamente construído quanto à diversidade, a peça lembra aos leitores que as pessoas abordam a instrução inclusiva e as práticas sociais de vários pontos de vista, e desse modo deixa emergir os múltiplos pontos de vista embutidos em assuntos de escolha e conflito lingüístico. Goldstein constrói o cenário escolar e permanece ao lado dos participantes. Ao fazer isso, ela respeita as posições dos alunos e professores e ao mesmo tempo faz o leitor repensar o problema e reconhecer o direito dos alunos imigrantes em ter sua língua de casa incluída na escola.

Como Goldstein sugere, a escolha e o uso da língua são assuntos complicados, que envolvem uma certa quantidade de desconforto como condição prévia para se achar alternativas equitativas contra práticas de instruções racistas e excludentes. Apesar dos desafios inerentes em iniciativas antistatísticas, “Hong Kong, Canadá” procura revigorar a pedagogia inclusiva com o pensamento de que a educação com justiça social vale a pena e pode ser atingida.

Desse modo, por encontrar no trabalho de Tara Goldstein o que McLaren (1999, p. 134) chama de “uma reescrita das diferenças” ou seja, “tentativas de mudança drástica das

condições materiais que permitem que as relações de dominação prevaleçam sobre as relações de igualdade e justiça social”, julgamos de grande valor analisar essa peça e divulgá-la à comunidade americana em geral, por acreditar que ela pode sugerir caminhos para a prática pedagógica que sensibilizem para a articulação que reconhece a existência do “outro” como o espaço para o autoconhecimento. Uma prática pedagógica que leve alunos e professores a reconhecerem e respeitarem as diferenças, e assim, que se faça em todos os vários países das Américas, também, o que vem sendo sugerido há muito pelos programas multiculturais canadenses, que encontrem na diversidade a força e a prosperidade.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1998.

GIROUX, H. A. *Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação*. Trad. de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GOLDSTEIN, Tara. *Hong Kong, Canada*, 2001.

McLAREN, P. *Multiculturalismo crítico*. Trad. de Bebel Orofino Schaefer. São Paulo: Cortez, 1999.

Sítios Consultados:

http://home.oise.utoronto.ca/~tgoldstein/Tara_Goldstein/

<http://www.cmef.ca/>

